

INCENTIVO E DESAFIO À EVANGELIZAÇÃO II

SÉRIE: CONFERÊNCIA EVANGELÍSTICA

PRELETOR: ARMANDO BISPO

DATA: 29-11-2008

MENSAGEM: 02 (Culto)

O texto que vamos abordar é bem conhecido e isso vai facilitar a nossa meditação. Vamos olhar este texto com muita atenção, pois nele há detalhes bastante desafiadores para os nossos corações - Lc 10. 25-37: *"Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: 'Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna? O que está escrito na Lei?'"*, respondeu Jesus. *"Como você a lê? Ele respondeu: 'Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' e 'Ame o seu próximo como a si mesmo' Disse Jesus: 'Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá'". Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?"* Em resposta, disse Jesus: *"Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver'". "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: *"Vá e faça o mesmo"*.*

Oremos: Senhor, a leitura da tua Palavra só fará sentido em nossos corações se o teu Espírito agir com poder quebrando as barreiras, abrindo nosso entendimento, tirando toda a abstração e distração. Senhor, enfim, nós te pedimos em nome de Jesus, que nesta caminhada junto ao perito, ao Senhor Jesus, ao sacerdote, ao levita, ao judeu e ao samaritano possamos aprender o que o Senhor na verdade quer de nós hoje. Fala conosco, Senhor, nós nos submetemos a Ti neste momento para a glória de teu filho Jesus, amém.

O contexto desta parábola é uma indagação de um perito na lei, mas a pergunta desse articulador da lei poderia ter sido feita por qualquer um de nós. Ele é um estudioso, ele é um religioso que obviamente tem feito seu dever de casa.

Ele conhece a lei, ele cumpre a lei, ele é obediente, ele é uma pessoa piedosa. A pergunta está no verso 25 *"... Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?"*. Agora preciso ler de novo fazendo algumas ênfases: *"... Mestre, o que preciso FAZER para HERDAR a vida eterna?"*. Existe aqui, uma incoerência interior no coração desse perito. Se você quiser se tornar um herdeiro de Bill Gates, o que você tem que fazer? A resposta é nada, você não pode fazer nada para ser um herdeiro de Bill Gates. Quando você recebe alguma coisa em compensação por alguma coisa que você faz, isso não é herança. Não é por merecimento que você se torna herdeiro. Herança, por definição, não é algo que você recebe por merecimento, mas é resultado de uma filiação e filiação é resultado de uma ação direta e exclusiva do pai. Filhos não podem provocar a sua própria filiação e, portanto, não conseguem fazer uma herança acontecer. A pergunta é equivocada pois herança é graça, é favor imerecido, mesmo quando uma criança é adotada, o pai é quem decide dizer: *"daqui em diante eu lhe recebo, sem mérito"*. É graça, é favor imerecido. O que fazer para herdar a vida eterna? Não havia uma resposta certa porque a pergunta estava errada, mas Jesus quer levar o perito a uma descoberta e Ele não interrompe a linha de pensamento, Ele dá corda para o questionador, Ele responde a pergunta fazendo outra pergunta: *"o que está escrito na lei? Como é que você lê a lei?"* Aí ele respondeu *"Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e amarás o teu próximo como a ti mesmo."* Jesus disse: então, qual é o problema? Se você conhece o resumo de toda a lei, faça isso e você viverá. O nosso perito na lei queria saber o que fazer para ter vida eterna, agora ele já sabe: amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo. Simples, só tem um problema: ele percebe que se é só isso que ele tem que fazer para herdar a vida eterna, então ele está perdido porque o padrão é alto demais, é muito abrangente, é muito universal, vai exigir um amor incondicional e ele não tem condições de fazer isso. Só Deus pode fazer isso. Aí o pânico se abateu sobre o perito ao ouvir a resposta de Jesus. Aliás, quem estuda a lei, quem estuda o mandamento, quem se apega a regras e mandamento vai compreender rapidinho, dialogando com Jesus e dialogando com o Novo Testamento, que a lei faz exatamente isso: sua função é mostrar a minha e a sua inadequação em cumpri-la no seu todo. O perito está perdido, ele entra em pânico.

Paulo ensina que a lei foi dada para produzir consciência da nossa impotência, da nossa incapacidade de agradar à Deus por mérito próprio, então não cabe a pergunta : o que eu devo fazer para herdar a vida eterna? É presunção, a mesma presunção do filho próspero; presunção esta que estava distante desse filho perdido e desgraçado quando voltou para casa arrependido, dizendo: “eu não sou digno”. Enquanto o filho obediente, articulador da lei, que agradava o pai em tudo, fazia tudo corretamente, perdeu a noção da graça e caiu na sua presunção. Mas a lei deveria provocar exatamente isso que provocou aqui no nosso perito: pânico. A resposta do nosso perito deveria ter sido: socorro Jesus, eu não vou conseguir fazer isso! Só que o nosso perito resiste em admitir que é impotente, mas antes de condená-lo vamos olhar para dentro de nós. Quando olhamos para uma pessoa quebrada, arruinada lá fora no mundo, em pecado ou drogado, a gente pensa assim: essa pessoa precisa da misericórdia de Deus, mas eu não preciso porque eu não cometo esses pecados. Nós achamos que estamos perto de atingir o padrão, afinal, não é possível que toda a minha obediência e esforço em agradar a Deus não valha nada. “O que mais eu tenho que fazer Senhor para continuar merecendo a vida eterna?” Não parece, você pode não querer admitir, mas esses pensamentos entram na nossa cabeça, esse raciocínio de que nós merecemos mais porque somos bons, porque somos santos e separados desse mundo cruel que não merece nada senão a condenação eterna. É exatamente esse pensamento que passa pela nossa cabeça, quando olhamos para uma pessoa quebrada e arruinada e dizemos: “ele precisa de Cristo, precisa da misericórdia, ele precisa da graça, mas nós... nós até merecemos”. A verdade é que eu gostaria de ouvir Deus dizer assim: “incrível Armando, olha como você consegue viver a vida cristã, você alcançou a herança eterna pelos seus esforços com a ajuda de Jesus, que maravilha! Você nem precisou muito da minha graça, palmas pra você Armando, você é realmente um gigante espiritual diferente desses pecadores aí fora”. No mínimo nós gostaríamos de subir até próximo ao topo da escada da caminhada cristã e receber uma pequena ajuda de Jesus para passar para o outro lado, se no final Jesus precisar dar uma mãozinha que assim seja, mas pelo menos, eu posso me orgulhar de ter feito a minha parte. Por isso o perito queria saber: “o que eu posso fazer para herdar a vida eterna?” que orgulho obstinado, que prepotência, que ingratidão. O que o nosso perito não entende e muitas vezes nem eu e nem você entendemos é que, mesmo que alguns de nós estejam no fundo do poço e nós estejamos no topo da montanha, somos igualmente incapazes de alcançar as estrelas. O padrão de Deus é muito alto e nem eu e nem você podemos alcançar. Estaríamos desgraçadamente perdidos, não importa se você é uma pessoa boa ou se você é um ex-bandido, ou se você é uma pessoa que foi o tempo todo tão honesta, tão voltado para sua família, tão fiel, tão bonzinho e você acha que está no topo da montanha diferente daqueles que estão no fundo do abismo. O céu é o limite e nem você e nem eu podemos alcançá-lo. O que Jesus vai mostrar é que há uma única solução para todos nós, esquecer, não os padrões de Deus, mas a nossa tentativa inútil de transformar os

padrões divinos em um sistema de méritos, como um placar de justiça própria onde podemos alcançar a aprovação de Deus do jeito que somos - “você já está bem perto de Jesus, só falta mudar isso como eu mudei, basta uma pequena transformação”. Infelizmente, ao invés de admitir a sua impotência para atingir o padrão de Deus, o perito ainda vai tentar encontrar uma maneira de ajustar a lei a fim de baixar o padrão da lei, possibilitando que ele o atinja por conta própria. No verso 29 diz: “*mas ele querendo justificar-se perguntou a Jesus: quem é o meu próximo*”? Se eu tenho que amar o próximo, é bom que o Senhor defina quem são os meus próximos. A saída que o perito tenta aparece na pergunta “quem exatamente é o meu próximo”? A palavra no grego significa literalmente aquele que está próximo de mim, por exemplo: o meu próximo poderia ser um vizinho, um parente, um colega, mas se eu preciso obedecer essa lei para agradar a Deus, então eu preciso saber exatamente o quão próximo uma pessoa precisa estar de mim para que eu seja obrigado a amá-la como a mim mesmo. O perito na lei queria saber o que fazer para herdar a vida eterna. Jesus responde a pergunta com outra pergunta, declina a pergunta, e o padrão é muito alto, ele percebe a sua impotência. Então, vamos tentar criar uma forma de baixar o padrão da lei, reinterpretar o texto para que eu saiba exatamente a quem eu devo amar, quem será o meu próximo. Será que a pessoa que mora a um quarteirão de mim é meu próximo? Olhe para sua casa onde você mora. Quem são os próximos da sua casa? E para quem mora num prédio? Será que todos os moradores dos enésimos apartamentos agora têm que ser considerados próximos? Pessoas a quem devemos amar como a nós mesmos? Assim não dá Deus, é muito complicado. Ou, então, nós podemos dar um grito de socorro para Deus admitindo nossa impotência para seguir esse padrão, ou podemos sair de perto das pessoas para não ficarmos tão próximos. Se eu ficar isolado,ilhado aqui dentro da igreja, os meus próximos serão apenas aqueles que entrarem aqui no domingo e eu mantenho o meu círculo bem fechado para que poucos próximos se aproximem. Nós acabamos de dar um exemplo de como a lei nos tenta levar à manipulação das regras para enquadrar e fazer com que a nossa vida seja levada na base do mérito, do “eu faço e eu mereço” quando, na realidade, a lei deveria provocar em nós o desespero de não conseguirmos cumprir o padrão divino. Esse desespero é fruto da nossa incapacidade de controlar o nosso pecado, o nosso egocentrismo, nosso ciúme, nossa ganância, nossa impaciência. Isso deveria provocar em nós quebrantamento, arrependimento, dependência de Deus. Nesse modelo Deus não se torna nosso juiz, até porque nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Ao invés disso o Deus de toda graça passa a ser o nosso apoio, nosso amigo, nosso aliado na busca sincera de curar nosso egocentrismo, nosso orgulho, nossa dor e compreendermos o que Jesus tem a nos dizer. É esse tipo de lugar que a igreja deveria ser, o lugar onde cada um de nós fosse capaz de compreender suas próprias limitações e a nossa dependência da graça. O que afasta as pessoas, não só da igreja, da sua koinonia, da sua própria vida, do seu convívio, é o fato de parecermos pessoas capazes de fazer algo por

Deus, pessoas que conseguem manter o padrão. Os outros desgraçados filhos pródigos dizem: eu não agüento, eu não posso me aproximar desse povo, tudo é muito certo”. Em vez disso deveríamos estar dizendo o tempo todo: “olha, é pela graça, eu não consigo, eu não posso assim como você também não consegue, é pela graça, é pela graça”.

Mas nós ainda temos uma pergunta a responder, o perito quer saber exatamente quem é o seu próximo e, ao invés de uma resposta clara, Jesus conta uma história. Parábolas não são respostas claras, são dramas que nos envolvem emocionalmente e mudam nossas perspectivas da vida. A parábola exige de nós uma desinstalação, nos tira da posição defensiva para que a gente saia ao encontro da história para interpretá-la e descobrir aquilo que tem a ver conosco. Esse é o meu desejo, que você venha comigo, e como aconteceu com o perito, que aconteça com você agora. No verso 30 diz: *“Um homem descia de Jerusalém para Jericó quando caiu nas mãos de assaltantes, estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto”*. A essência da história é bem conhecida de todos nós, na superfície nós temos uma história que poderia ter saído na Tribuna de Jericó, com a manchete: Assalto Relâmpago Deixa Empresário Semimorto. A matéria iria explicar mais ou menos que um viajante teria sido assaltado no caminho entre Jerusalém e Jericó, era uma viagem isolada de habitações com trechos bastante acidentados, sinuosos, com pedras, crateras e cavernas, um verdadeiro paraíso para os ladrões. Não havia naquela época veículos blindados com vidro fumê, as pessoas viajavam à pé ou montadas em animais e nosso viajante aparentemente viajava só, o que não era nenhuma surpresa. Ele é assaltado, não sabemos se ele reagiu ou se, simplesmente, os assaltantes eram cruéis. Além de assaltado ele foi espancado até quase a morte. Verso 31: *“aconteceu estar descendo pela mesma estrada o sacerdote e quando viu o homem passou ao largo e também um levita quando chegou ao lugar e quando viu o homem passou ao largo”*. A história que Jesus conta é uma história de tragédia, de indiferença e de heroísmo, mas como toda parábola ela esconde uma surpresa, um gancho que vai fisgar a nossa atenção e nos surpreender como a moral da história. O gancho que fisga nessa história está na identidade das pessoas porque os vilões da história são os galãs do perito e o mocinho da história é o vilão do perito. O sacerdote e o levita eram os heróis do nosso perito que indagava; ele os admirava, ovacionava, mas Jesus inverte as coisas e aquele a quem o perito odiava, aquele samaritano sujo, o herói da parábola, é exatamente o inimigo do nosso perito. Da mesma maneira daquela mulher samaritana de quem os discípulos disseram a Jesus que Ele não podia chegar perto. A viagem de Jerusalém para Jericó era uma viagem normal porque os sacerdotes e os levitas moravam em Jericó e ministravam em Jerusalém e como bem sabemos, o sacerdote e o levita vêem o homem, mas passam longe. Podemos pensar que eles estariam com pressa para chegar ao templo e prestar o seu serviço à Deus, talvez o culto fosse começar. Mas tem um problema: eles caminhavam de Jerusalém para Jericó, ou seja, já tinham terminado o serviço sacerdotal, e agora eles estavam indo para casa. O texto não apresenta nenhuma

justificativa para o comportamento dos dois e a ausência da justificativa talvez destaque a incoerência dessas pessoas que supostamente são homens de Deus. Não há justificativa exata para demonstrar a incoerência dos que se chamam homens de Deus, mas que não são capazes de demonstrar um pinga de misericórdia. Ministram em nome do Senhor, para o povo do Senhor, articulam a Palavra do Senhor, fazem todo ritual pedido pelo Senhor, estão na casa do Senhor, mas são incapazes de exercer misericórdia. Com isso Jesus nos ensina a primeira de várias lições nessa parábola, sobre a prática da graça no dia a dia do crente. Graça trata das prioridades de Deus e por isso sempre incomoda as nossas prioridades. A graça de Deus estabelece uma agenda de Deus que não é a minha nem a sua agenda mas a Dele. Há uma velha piada: Você quer fazer Deus rir? Conte a Ele seus planos. Todos os viajantes tinham um plano, a vítima, o sacerdote, o levita, o samaritano, ninguém queria estar naquele lugar fazendo aquilo, ninguém separou aquele dia na sua agenda para fazer aquilo. Não dá para saber exatamente o que se passava na cabeça do sacerdote e do levita, mas certamente no momento em que eles passam ao largo, eles estão pensando nos seus próprios interesses, claro! Talvez estivessem preocupados com a segurança, afinal aquilo poderia ser uma armadilha; talvez estivessem preocupados com seus compromissos, afinal ninguém tinha celular para avisar lá em Jericó ou talvez simplesmente não queriam ser incomodados. Enfim, não dá para dizer com certeza, mas o contraste de religiosos retornando de uma temporada de serviços no templo que não tinham tempo ou coragem para ajudar o próximo em apuro parece uma personificação de Oséias 6.6: *“Pois desejo misericórdia e não sacrifício, conhecimento de Deus mais do que holocausto”*.

Mas, antes de cair na velha prática de ficar apontando o dedo para os dois, vamos fazer uma tomada de consciência. Eu li uma vez um artigo que dizia: é desse tipo de gente que na maioria das vezes a religião está lotada, gente de coração bom, mas que em razão de uma fé empedrada pela lei, pela moral, pela justiça própria, pelo dever de ser inflexível e sem amor, em nome da verdade, se torna gente cheia de impiedade, mesmo não sendo má. Em qualquer lei há a previsão daquilo que é bom. Nela, porém, não há o poder de realizar o bem, posto que a vida está cheia de situações nas quais o bem está além do bom, além da lei, visto que muitas vezes para se atingir o bem, a lei não pode se fazer vigente em razão de que ela é freqüentemente menor que as situações da própria vida. Lembra do que Jesus falou sobre o sábado? Não era para um pobre coitado colher no sábado? Não era para curar no sábado? Porque a lei do bom impedia o bem. Na graça o único zelo que se conhece é o zelo da fé que atua pelo amor. Não podemos esquecer que Deus nos dá uma única medida para a maturidade espiritual: ame a Deus e ao próximo. Quando nós substituímos isso e começamos a avaliar uns aos outros baseados nos enquadramentos da nossa lei - o que é ser um crente, o que é ser um bom membro, o que é ser um bom cristão dentro das nossas leis, normas e preferências - vamos abandonando a graça e voltando para a lei. Quem tem ouvidos para ouvir ouça.

Mas um samaritano, estando de viagem chegou onde se encontrava o homem e quando o viu teve piedade, compaixão, misericórdia. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramou nelas vinho e óleo, colocou o homem sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria, cuidou dele. No dia seguinte deu ao hospedeiro dois denários e disse: “cuide dele e quando eu voltar pagarei todas as despesas que você tiver”. A segunda lição sobre a graça é que ela muda a maneira de eu olhar para as pessoas. Quando eu entendo a graça de Jesus na minha vida eu sou capaz de compreender as pessoas de uma outra forma. A auto-justiça, a manipulação da lei, o cristianismo que nos faz pensar que somos tão bons, nos torna tão plásticos. A gente enquadra as pessoas como más e as deixa longe e fazemos as perguntas dos peritos: quem é o meu próximo? A graça no meu coração muda a minha forma de olhar para as pessoas.

Depois de passarem as pessoas que nós imaginávamos que seriam os grandes defensores dos princípios divinos como a misericórdia, passa um samaritano. Para quem não se lembra, os samaritanos eram considerados piores do que os gentios, pois eram judeus de uma raça mista e representavam a aberração da identidade nacional cultural e religiosa do povo de Deus. Na prática os samaritanos eram discriminados, hostilizados e muitas vezes até agredidos. Mesmo assim, para o choque do nosso perito na lei, diferentemente dos dois que passaram direto, quando o samaritano viu o homem assaltado, diz o texto, ele teve compaixão, piedade daquele pobre na beira do caminho. A pergunta é: o que é que vai fazer a gente se importar com pessoas desconhecidas? O que fez aquele homem se importar com alguém desconhecido que se estivesse numa situação normal o rejeitaria e talvez até o espancaria como samaritano? Na parábola fica óbvio que a diferença entre os três que passaram pela vítima não foi o que viram, mas o que eles eram, eles viram a mesma coisa, você vê a mesma coisa que um espírita vê, que o macumbeiro vê, que os ateus vêem, que os hindus vêem, a mesma coisa. Enquanto o sacerdote e o levita viram a vítima o suficiente para passar longe, só um - o samaritano - viu a vítima através dos olhos de alguém que sabia o que é ser uma vítima, o que é ser ignorado e desprezado. Não foi uma questão de ver ou não ver, foi uma questão de se identificar com aquele homem ou não, e o samaritano era um homem desprezado, discriminado. Ele sabia o que era ser desprezado, então ele olhou com outros olhos. A questão não foi ver, a questão foi se identificar com a miséria do outro. Então o que é que nos faria olhar para as pessoas de outro jeito? Em geral, como crentes em Cristo Jesus nós já perdemos a capacidade de nos identificar com as pessoas que precisam da graça, porque nós já descobrimos como manter a aparência de santidade mesmo que interiormente continuamos lutando com os nossos pecados e na maioria das vezes até perdendo nessa luta. Se nós formos ministrar com a graça que fomos ministrados nós temos que andar conscientes da graça que nos mantém em pé. Para isso precisamos andar conscientes das nossas próprias feridas, das nossas próprias falhas, das nossas limitações, porque Deus dá graça aos humildes e humilde não é eufemismo para pobre.

Humilde quer dizer na Palavra alguém que é dependente de Deus constantemente. Se você não enxerga a graça para sua vida você jamais vai enxergar aquele que necessita da graça como o samaritano.

Sobre a parábola do filho pródigo: Porque está dando festa para esse maluco? Ele saiu, fez toda essa bobeira e agora voltou arrependido? Como! Eu que estou aqui, sou da igreja, sou crente há muitos anos, tenho as insígnias todas do cristianismo, sou bom e você não faz festa pra mim.

Aquele filho pródigo não podia enxergar a graça porque ele mesmo não estava dependendo da graça, ele dependia da própria justiça para subsistir. Nós como crentes em Cristo quando chegamos a Jesus e entendemos a nossa miséria, nos jogamos nos braços Dele e pedimos misericórdia. Entretanto, com o passar do tempo fazemos como Gálatas fez, começa no Espírito e continua pelo aperfeiçoamento da lei, criamos regras e achamos que somos bons. É difícil ouvir um crente falando: eu erro, eu peço ou eu tenho problemas, eu penso errado, eu tenho lutas, eu tenho dependências, eu estou lutando, eu estou em processo de restauração. Como é duro! Eu luto com a igreja há mais de 10 anos, com este ambiente da restauração, para que os crentes possam dizer simplesmente: é isso que eu sou, eu dependo da graça. Para que? Para eu me importar com alguém eu preciso ter a consciência de que Deus se importou comigo no estado em que eu estava e se não for a graça dele eu ainda vou sucumbir. Aqueles que aprenderam que quando são fracos aí sim dependem mais de Deus, isso é pobreza de espírito, humildade. Nós podemos pensar que a nossa capacidade para ministrar vem da nossa santidade. Não! Nossa capacidade para ministrar vem de Deus, santidade é algo que você busca para si mesmo, seu melhor ministério vai partir das suas fraquezas e não dos seus pontos fortes. As pessoas não se identificam pelas suas vitórias, mas sim, pelas suas lutas e aprendem com a sua dependência de Deus.

A terceira lição que podemos aprender com essa parábola é que exercer graça demora mais do que pensamos. A vítima da nossa história, apesar de ter sido ungido com óleo pelo samaritano, ela não dá um salto e sai andando. Alguns diriam que faltou tocar no manto santo do samaritano, ou faltou ir para um culto do poder, ou faltou a oração da libertação. É essa piada mágica de quase um circo evangélico que alguns propagam como se o evangelho fosse “pirlimpimpim”, uma varinha de fada que decreta e acontece na hora, fazendo com que o camarada que continua com a sua luta a camufle porque ele não pode se sentir tão fraco e sem fé. Nesse cristianismo não tem lugar nem para Elias, nem para Davi e tampouco para Paulo. Exercer graça demora mais do que pensamos, nesse caso a vítima precisa de dois dias inteiros de cuidados do samaritano, recebe uma provisão na hospedaria que prevê uma estada de quatro meses e o samaritano antecipando que ele ainda precise de mais tempo deixa um cheque em branco com o dono da hospedaria para cobrir o tempo que for necessário. Se importar com alguém leva tempo.

A quarta lição é que exercer a graça sempre nos custa alguma coisa, sempre vai custar algo. Fazer o que vocês estão

querendo fazer, ou o que vocês já estão fazendo, certamente, tem um custo. Contabilize comigo: para o samaritano parar para socorrer a vítima lhe custou o que? Seu tempo, sua roupa rasgada para fazer as faixas, o transporte, ele teve que andar para deixar o outro montar seu animal, o seu alimento, o vinho, o óleo, o seu dinheiro usado para custear a hospedaria, a sua segurança. Imagine o risco que o samaritano corria demorando-se num local obviamente visitado por bandidos, o stress nos seus relacionamentos, pois ele não tinha como avisar em casa sobre o seu atraso e alguém em algum lugar estava preocupado com aquele samaritano. Se importar com as pessoas custa algo.

Outra lição é que ministrar na graça nos leva para lugares inesperados, fora da nossa zona de conforto. Religiosos são como o sacerdote e o levita, podem ser pastores, presbíteros, líderes de grupo, líderes de ministério, profissionais ou leigos, pode ser qualquer um de nós. A vida cristã é muito previsível e confortável, não mexam com a minha agenda! O religioso fica no templo esperando o povo chegar, os ministros da graça de Deus andam e se aproximam dos quebrados, dos necessitados e dos carentes. Eles ministram cuidado e misericórdia. Eles não fazem isso porque é cômodo, ou porque dá dinheiro ou porque dá ibope. Eles fazem isso porque reconhecem no outro a mesma necessidade que eles um dia tiveram. É o mendigo dizendo para o outro mendigo onde ele encontrou comida. Uma das coisas que mais engessam as igrejas de Jesus são essas quatro paredes porque nós chamamos isso de igreja e nos esquecemos que a igreja de Jesus hoje tem pernas, tem braços, tem olhos, tem mãos, tem bens que estão a seu dispor. Você é o braço, o olho, a mão, a perna de Jesus para tocar o indivíduo à beira do caminho. O templo é simplesmente um abrigo, um lugar onde nós nos reunimos para celebrar o que Deus tem feito durante a semana nas koinonias, na sua vida. É por isso que lá na Igreja Batista de Fortaleza nós tivemos que vender o templo para tirá-lo da cabeça do povo; o gesso que engessava a múmia sacerdotal e levítica. Sai do caixão e vamos viver no poder do Espírito! Assim como o samaritano desprezado e rejeitado, mas que experimentou a graça de Jesus, que tem pernas, que caminha como Jesus caminhou. É muito simples: ao invés de olhar para o passado, para o que tem sido feito, para o que foi planejado, basta ler os evangelhos. Jesus veio ao mundo e Ele não se identifica com os homens do templo, não entra no ritual do templo, Ele viveu no meio de gente que não prestava, Ele foi onde a misericórdia poderia ser exercida a despeito do que iria acontecer ali. Ele não julgou, não prejudicou, Ele não colocou uma lista de regras, não enquadrando ninguém, Ele não censurou. Ele simplesmente foi e o Samaritano fez o mesmo.

Vamos voltar ao texto. Qual desses três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? O perito pergunta: “Quem é o meu próximo?” Olha o que Jesus diz: Qual desses três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes? Acompanhe o raciocínio. Por trás da pergunta do perito existe uma pressuposição de que o seu próximo é uma pessoa de um grupo sujeito à limitação, à delimitação e à definição. A

esperança do perito é que definindo quem é o próximo, limita e identifica quem são os próximos e aí ele pode honrá-los e assim cumprir a lei e agradar à Deus. Parece um detalhe, mas não é. É exatamente esse engano que Jesus revela com a sua reformulação da pergunta do perito. Preste atenção à reformulação da pergunta neste versículo: “Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Percebe a inversão? Na realidade a nossa tradução em português é um pouco fraca neste ponto, pois no grego a pequena mudança na pergunta tem implicações enormes aqui. Eu diria que a construção no original que deixa a pergunta de Jesus mais clara, seria assim: “qual desses três você acha que se tornou o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” A pergunta de Jesus revela um enorme segredo: nenhum deles era um próximo, mas um deles escolheu se tornar um próximo. Então a pergunta não é quem é meu próximo. A pergunta é: você está disposto, disposta a se tornar um próximo de alguém? Ah ! Aqui vem mais uma característica da graça que se manifesta na vida dos crentes. Ministrar a graça é sempre pessoal, envolve relacionamentos. Três pessoas passaram, mas duas dessas pessoas, um profissional e um outro leigo ministravam de uma forma genérica, massificada, industrializada e religiosa. Se a vítima da nossa história tivesse escapado do assalto e conseguido chegar ao templo para oferecer seu sacrifício, com certeza o sacerdote e o levita teriam tido o maior prazer em recebê-lo com seu sacrifício e sua oferta. Mas, fazer o bem naquelas circunstâncias exigia que se fosse além das previsões da lei do bom. Preste atenção: o homem caído à beira da estrada não era mais próximo do samaritano do que dos outros, o samaritano é quem era o menos indicado, o menos próximo para parar e ajudar a vítima, mas só ele teve integridade cristã para estender a mão e formar um relacionamento onde não existia. Percebem isso? Uma das piores tarefas é fazer um grupo pequeno ou uma koinonia ser invadida por alguém. Porque é difícil querer se tornar um próximo, é difícil fazer um grupo entender que nós precisamos ser próximos das pessoas e se abrir. O maior problema que nós temos na igreja é aproximar os crentes dos descrentes. Nossa linguagem, nossa música, nossas atitudes, nossos hábitos são diferentes. Até aí tudo bem, mas a palavra santo quer dizer separado. Só que o sacerdote e o levita foram santos e separados de um jeito que não era nem um pouco bíblico. O próprio Jesus andava com prostitutas, com estelionatários, com políticos corruptos, até com samaritanos e era julgado pelo seu estabelecimento religioso. Aliás era julgado por aqueles que viviam a religiosidade da época porque ele não mantinha a postura elitizada do rabino. Jesus não era separado conforme os moldes da religião. Pois a separação à qual Deus nos chama é de outro tipo. A graça de Deus é igualmente para descrentes e crentes que entendem a sua miserabilidade, que estão dispostos a trocar a sua dependência da mentira, do sexo, da ira, da droga, da soberba por uma dependência de Deus.

A sétima lição é que a graça muda a nossa visão de nós mesmos. A pergunta do perito coloca ele mesmo no centro da questão. Quem é o meu próximo? Mas a parábola

coloca o necessitado no centro. E a pergunta é quem foi um próximo a ele. É importante perceber que a dúvida na cabeça do perito era: se eu fosse um viajante passando por essa mesma estrada e encontrasse um homem caído, a lei me obrigaria a parar? Mas a pergunta de Jesus tira ele da posição de viajante e o coloca na posição de vítima. Escutem de novo a pergunta de Jesus ao perito: “Qual desses três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos de assaltantes?” Para responder o perito tem que entrar na pele da vítima. Essencialmente, Jesus está perguntando ao perito: Se você fosse a vítima, como é que você gostaria de ser tratado? O recado de Jesus não era um recado de morte, era um recado de vida. Ele pergunta: Quem agradou a Deus? Aquele que teve misericórdia dele, respondeu o perito na Lei.

A lição oito é que a graça transforma a ordem social. Essa parábola fala de uma jornada que transforma a identidade dos seus participantes. O homem que é atacado é identificado simplesmente como um “certo homem” ele podia ser judeu, samaritano, americano, brasileiro, campinense, cearense. Ele podia ser qualquer um de nós, e na realidade ele é cada um de nós, pois nessa história ele é simplesmente um ser humano como qualquer outro, ferido pelos seus pecados ou pelo pecado de outros. É interessante observar quando Jesus pergunta ao perito quem se tornou um próximo do homem ferido, ele não responde: O Samaritano. Ele responde: “Aquele que teve misericórdia!”. Até o samaritano perdeu o rótulo discriminatório. Essa história que começa tratando de judeus e samaritanos, termina falando de dois seres humanos. Um em situação de necessidade, e o outro reconhecendo que pela própria graça de Deus ele possui aquilo que pode ajudar o seu próximo. O sacerdote e o levita mantiveram suas identidades intactas, suas preciosas reputações não foram manchadas, eles obedeceram a lei, passaram direto, não se contaminaram e perderam assim a oportunidade de descobrir uma outra maneira de ser. Amar o meu vizinho como a mim mesmo é também entrar numa caminhada, o caminho não leva nem para Jerusalém nem para Jericó, é uma caminhada divina onde eu vou descobrir plenamente quem eu sou. É uma jornada que me torna mais semelhante a Cristo porque no final Jesus é o modelo por trás do samaritano.

O diálogo entre Jesus e o nosso perito da lei se encerra com uma simples ordem de Jesus. Ele disse: “vá e faça da mesma forma”. Mas de novo está na hora de uma tomada de consciência pois o texto deve ser lido assim: Jesus nos diz: “vão e façam da mesma forma”. Você se importa? Você quer ser próximo? Você entende a graça? Essas palavras são um convite e um desafio a construir uma comunidade e uma sociedade que anda na contra-mão daquilo que acontece ao nosso redor. Uma comunidade que não se considera melhor do que ninguém, mas reconhece na graça uma oportunidade para todos nós superarmos os nossos rótulos, nossos traumas, nossos ferimentos, nossos vícios, nossas limitações. Esse é um desafio que aponta para o reino de Deus

que já está entre nós e ainda há de ser e se manifestar na sua plenitude. Esse é um reino que vem como um presente da graça de Deus, algo além daquilo que merecemos ou sonhamos. Este reino não será construído por nós, mas por Cristo em nós, nesta etapa da vida e por Cristo conosco na próxima. Maranata! Vem Senhor Jesus! Toda parábola merece uma tomada de posição. O sacerdote e o levita são figuras da religiosidade operante na época, considerados homens de Deus, articuladores da Palavra, conhecedores do ritual que se achavam tão bons, mas com muito pouca misericórdia. Amigos do perito da lei e Jesus responde a sua pergunta com uma parábola maravilhosa e mostra que aquele que sabia da sua própria necessidade e carência, da sua dependência, da sua impotência, daquele que era discriminado, mas que foi amado e aceito por Deus, esse sim foi capaz de exercer misericórdia. Quantas lições preciosas...

Então meu desafio pra mim, pra nós é o desafio de Deus para todos nós: vamos fazer o mesmo e começar a perceber que nós podemos tomar a decisão de nos tornarmos próximos daqueles que estão ao nosso redor. E você vai passar por muitos deles esta semana, eles estão por toda parte e você tem que tomar a decisão. Se importar significa isso, não espere que eles venham. Nós temos que ir a eles, nós temos que ter o contato com eles onde eles estão, temos que nos identificar, pagar o preço, vai consumir do nosso tempo da nossa vida, da nossa privacidade, mas vai valer a pena porque nós estaremos fazendo aquilo para o qual Jesus nos deixou aqui - buscar e salvar o que se havia perdido e sermos próximos dos que necessitam como nós necessitamos da graça de Deus.

Vamos orar: Oh, Jesus maravilhoso! Tua Palavra é poderosa, Teu exemplo Senhor só revela a nossa incapacidade pessoal que nos faz ainda mais dependentes do teu Espírito. Senhor é bom pensar que uma igreja como esta se importa ao ponto de se deixar desafiar pela Tua Palavra e pelo Teu exemplo. A despeito do que já tem sido feito, Senhor, ser despertada para um desejo de se importar com aqueles com os quais o Senhor se importa também. Pai, em nome de Jesus desinstala-nos, dá-nos essa visão da igreja presente na sociedade, em todos os lugares, nos antros, nos palácios, nos guetos. Dá ao teu povo Senhor, esse coração do Samaritano, que é o Teu coração. Faz-nos mais vulneráveis, mais dependentes e corajosos para compartilhar nossas próprias fraquezas e celebrarmos a Tua vitória em nossas vidas, o Teu poder que nos sustenta, nos segura e nos impede de sermos tão maus como poderíamos ser. Assim, poderemos olhar para o outro de uma outra forma, perceber na miséria do outro, nossa própria miséria, e na Tua graça que opera em nós, o remédio que vai curar o outro. Faz-nos o próximo. Muito obrigado Senhor pelo privilégio de podermos compartilhar dessas coisas e sermos lembrados da nossa necessidade de dependermos mais e mais da Tua graça. É o que eu te peço e agradeço em nome de Jesus, amem.